

Serra do Navio, a cidade modelo que pode virar fantasma

EDSON LUIZ
Enviado especial

SERRA DO NAVIO (AP) — Um exemplo de urbanização e organização em plena selva amazônica, o município de Serra do Navio está com os dias contados. Com quatro mil habitantes, Serra tem o menor índice de analfabetismo do país e emprega todos os seus moradores em idade produtiva. Mas a exploração do manganês, finalidade da criação do município, acaba no ano de 2.003, e a vila modelo poderá se transformar numa cidade "fantasma".

Na verdade, o minério já está exaurido e a Indústria e Comércio de Minérios (Icomi), que explora a jazida de manganês desde 1953 e sustenta todas as atividades do município, poderá se retirar de Serra antes mesmo do fim do ano 2000.

Serra do Navio tem o perfil de uma cidade de primeiro mundo. O índice de analfabetismo é de apenas 5%. O hospital funciona, e com bons equipamentos. Desde a sua criação, no fim da década de 50, nenhum crime de morte foi registrado na cidade. Todas as ruas são pavimentadas. Com poucos carros particulares rodando pelo município, as crianças podem brincar livremente pelas ruas ou no moderníssimo ginásio de esportes local. No clube "Serra do Navio", três piscinas refrescam a população da cidade.

Todo esse conforto e desenvolvimento econômico e social são mantidos pela mineradora. Como a autorização para exploração do manganês acaba em dez anos e o minério já está praticamente exaurido, a empresa deverá se retirar da cidade que ela própria criou, tornando incerto o futuro de Serra do Navio. O prefeito da cidade, José Maria Amaral Lobato, já começa a pensar em soluções para a população.

— A economia da cidade é baseada na extração do manganês. Como isso acaba em dez anos, estamos tentando arrumar uma alternativa para manter tudo como está — diz Lobato, um ex-técnico em contabilidade da Icomi, que foi eleito, no ano passado, com 612 votos pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

A Prefeitura também é exemplar. Tem apenas 45 funcionários, que ganham em média dois salários-mínimos, acrescidos de seguro de vida. Os gastos do prefeito Lobato com a folha de pagamento é de apenas 22% do orçamento do município. A saúde financeira da Prefeitura é tão boa que Lobato pagou o décimo-terceiro salário dos servidores com mais de um mês de antecedência. Não há delegacia nem Polícia Militar na cidade, onde o policiamento é feito por guardas de segurança da Icomi.

— Não sabemos o que vamos fazer nesses próximos dez anos, mas temos que começar a pensar. Talvez a solução seja o turismo, a pesquisa científica, mas o certo é que estamos tendo o pior com o fim da extração do minério — lamenta o prefeito, um homem baixo, de bigode fino e que jamais tira seu chapéu de boiadeiro.

O sonho de Serra do Navio começou quando o presidente Getúlio Vargas assinou a concessão para a extração do manganês, em 1953, estabelecendo um prazo de exploração de 50 anos. A construção da cidade, após a assinatura da autorização de lavra, durou cerca de sete anos. Serra do Navio foi dotada de toda a infra-estrutura de uma cidade grande, com estações de tratamento de água e esgoto, além de uma ferrovia que liga o município a Macapá, capital do Amapá.

A cidade está localizada no centro do Amapá, a 240 quilômetros de Macapá. As vias para extração do manganês também servem à população de Serra do Navio. Para chegar e sair da cidade há estrada de terra, ferrovia, um pequeno aeroporto e uma via fluvial ligando Serra do Navio a Macapá. A mineradora ainda presta assistência em outras áreas, como no combate contra as endemias naturais da Amazônia.

— Nós erradicamos a malária em Serra do Navio e estamos sempre realizando pesquisas voltadas para o setor de saúde — diz o vice-presidente da Icomi, Mário Frering, assegurando que a empresa também faz investimentos no setor ambiental, principalmente nas áreas onde foi explorado o manganês, que estão sendo reflorestadas.

Uma mini-Brasília no meio da selva amazônica

O projeto de Serra do Navio é de 1955, do arquiteto Oswaldo Arthur Brátke, e a cidade parece, em seu desenho, uma Brasília em miniatura em plena selva equatorial. Os serviços prestados no local são de excelente qualidade e oferecidos até aos moradores da periferia de Serra. Até o enorme supermercado da cidade, inicialmente utilizado apenas pelos funcionários da mineradora, hoje também serve a lavradores, pescadores e empregados domésticos dos funcionários da Icomi que vivem na periferia da cidade.

De seis pessoas internadas no hospital, quatro são da periferia de Serra do Navio. O hospital tem 40 leitos e, a cada ano, são investidos cerca de US\$ 1,1 milhão em saúde, quase o dobro do que recebeu a cidade de Santana, o segun-

do maior município do Amapá. Na escola, o número de crianças de fora também aumenta todos os anos. Em 1992, foram investidos US\$ 750 mil em educação.

A área de Serra do Navio é de 4,8 mil hectares e hoje já existe uma redução na produção, na medida que a lavra torna-se mais profunda e as reservas diminuem. A vila ficou grande para as necessidades da Icomi, mas é essencial para a população de quatro mil pessoas. A preocupação do prefeito José Maria Lobato é que tudo não acabe como o minério, que deu origem ao nome da cidade.

— Tinha uma montanha grande que parecia um navio gigante. Era uma enorme serra com cara de navio, daí Serra do Navio — conta o vice-prefeito James Souza Guimarães, há 29 anos no local.